

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

147

INSCRIÇÕES 598-600



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2017

ISSN 0870-2004

*FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.*

*Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço [http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos\\_index/ficheiro](http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro).*

*Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.*

*Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.*

*José d'Encarnação*

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES  
FACULDADE DE LETRAS | UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas  
P-3000-395 COIMBRA

*A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:*



FRAGMENTO DE PLACA FUNERÁRIA ROMANA DE  
VISEU*(Conventus Scallabitanus)*

Canto inferior direito de placa funerária romana, de mármore com alguma pátina rosada, identificada em Junho de 2000, na Rua Direita, por ocasião do acompanhamento das obras realizadas na cidade de Viseu, acompanhamento arqueológico a cargo da empresa Arqueohoje. A placa encontrava-se associada a terras negras, com telhas e *imbrices*.

Está guardada na sede da empresa, em Viseu, e, dada a sua graciosidade, foi usada no postal de Boas Festas da empresa em 2000; aliás, em textos publicados na imprensa local foi, de quando em vez, referenciada, mas ainda não fora estudada do ponto de vista epigráfico.<sup>1</sup>

Conserva-se parte da moldura inferior, donde se deduz que o campo epigráfico, profusamente riscado, era limitado por moldura do tipo garganta directa, com 4 cm de espessura.

Dimensões: (23) x (29,5) x 4.

Campo epigráfico: (17) x (29,5).

---

<sup>1</sup> Agradeço, por isso, aos responsáveis da Arqueohoje, nomeadamente ao Dr. Luís Filipe Coutinho Gomes, a gentileza de me proporcionarem, sem limitações, o estudo e publicação deste monumento epigráfico.

[...] [?] / [...] [CLA]VDI[AE vel -O] / [C(ait) F(liae vel -o)] [?] / [CAI?]VS · [?] IVLIVS [...] [?] / [P]ATER

Alturas das letras: penúlt. linha: 4,4 a 4; última linha: 4.  
Espaços: 1: 1,7; 2 e 3: 1,5.

O texto poderia ter, pelo menos, uma primeira linha onde estaria o que falta da identificação da(o) defunta(o), não parecendo, porém, viável, dada a paleografia – que aponta para a 1ª metade do século I da nossa era – que houvesse a fórmula de consagração aos deuses Manes.

Afigura-se, à primeira vista, que a paginação terá obedecido a um eixo de simetria, considerando o largo espaço que resta, na última linha, após a palavra PATER; a haver aí a habitual fórmula F(*aciendum*) C(*uravit*), certamente a primeira sigla estaria presente, se tivermos em conta que o *ordinator* não deixou espaço antes de IVLIVS.<sup>2</sup> Sendo assim, PATER ocuparia isoladamente, como se propõe, essa linha. A questão põe-se, todavia, em relação à penúltima linha: IVLIVS, o *nomen* do dedicante, estava precedido pelo *praenomen* por extenso: CAIVS, por exemplo, ajustar-se-ia bem; mas... não haveria *cognomen*, exactamente por estarmos mesmo nos primórdios do século I?

Voltando à antepenúltima linha, é grande a tentação de reconstituir o *nomen* CLAVDIAE (*vel* CLAVDIO); o feminino calhava melhor, porque apenas haveria de seguida a filiação.

Estas considerações sobre a paginação, indispensáveis para se tentar compreender o conteúdo do texto, implicam que voltemos atrás, para a análise paleográfica e a justificação da leitura.

Os caracteres são do tipo monumental quadrado, mui elegantemente gravados a badame, de grande regularidade, sentindo-se que houve prévias linhas auxiliares. Note-se o extremo cuidado em desenhar as letras com diversa largura de sulco, para melhor se acentuar a sensação de claro-escuro, cuidado visível no D, no V e, até, no S, de enorme

---

<sup>2</sup> Uma quase imperceptível moosa entre o S e o I sugeriria (mui dubitativamente, é certo) uma tentativa de pontuação.

graciosidade, inclusive nos vértices de precioso acabamento; T de barra perfeitamente horizontal assim como o é a do L. Requentado se mostra, igualmente, o traçado do E e do R, a denunciar, no conjunto, um lapicida de elevada craveira técnica.

No que resta da antepenúltima linha, vemos a metade esquerda do V; o D reconstitui-se sem dúvidas e há do I o terço inferior. Na penúltima linha, do S final de *Iulius* está perceptível o termo da curvatura inferior. Na última linha, a fractura da esquerda ocorreu ao nível do corte da haste direita do A, de que se vê a terminação do vértice.

São mais as dúvidas do que as certezas no que se refere ao texto propriamente dito, onde apenas *Iulius* e *pater* se podem dar como certos, e, porventura, *Claudius* ou *Claudia*. Trata-se, contudo, pela beleza da gravação, de monumento indiciador de uma cultura epigráfica superior.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO



600